

# TRAJETÓRIA DE RONDON

## VIDA MILITAR E COMISSÃO RONDON

Nilza Queiroz Freire<sup>1</sup>

Nascido na localidade de MIMOSO (ou Sesmaria do Morro Redondo), em 05-05-1865, recebeu o nome de CÂNDIDO MARIANO DA SILVA; foi um apaixonado pelo seu torrão natal, do qual fez a seguinte invocação:

Incomparável Jardim da Natureza, emoldurado de verdes morrarias, adornado de alteraneiros buritizais e densas cordilheiras de cambarazais; circundado de volumosas baías que escoam para o rio Ibitiraí (Cuiabá), o pantanal do Mimoso, bucólica localidade em que nasci, é o rincão pastoral mais belo da terra de Antônio João (1) do Brasil inteiro, quiçá do mundo!

Mimoso é distrito do município de Santo Antônio de Leverger (2), antigamente, Santo Antônio do Rio Abaixo.

Com o Mimoso, Cândido Mariano se ocupava todas as manhãs, em correspondência destinada aos seus inúmeros parentes mimoseanos. Todos lhe devotavam o maior respeito, acatando sua opinião ao decidir qualquer assunto, mesmo estando ele em idade avançada, quase sem vista, debilitado pela perda dos seus familiares mais chegados, a esposa e filhas; no meio de tantas preocupações, destacava-se o Serviço Nacional de Proteção aos Índios, ao qual deu o melhor de si.

Após a perda do seu pai, Cândido Mariano ficou sob o poder do seu tio Manoel Rodrigues da Silva, em Cuiabá-MT, onde estudou até concluir a Escola Normal.

---

1 Membro da Academia Mato-grossense de Letras. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Pouco antes de se formar, procurou o tio para falar dos seus planos – pretendia prosseguir com os estudos, no Rio de Janeiro, ao que o tio respondeu: *não tenho recursos para mantê-lo*. Cândido Mariano contra-argumentou: “não estou falando em recursos, estou pedindo, apenas, seu consentimento; não se preocupe; terminado meus estudos em Cuiabá-MT, assentarei praça planejando minha entrada na Escola Militar”.

O tio, inconformado com as aspirações do sobrinho, procurou seu amigo, o médico Dr. Malhado, que lecionava pedagogia na Escola Normal e conhecia muito bem o aluno Cândido Mariano, havendo aprovado-o com distinção.

Ao retornar, o tio estava entusiasmado com a idéia de adotá-lo, para que o sobrinho não iniciasse a vida como soldado, mas como cadete, na qualidade de filho de Capitão da Guarda Nacional; *o Dr. Malhado ficou de providenciar-lhe carta de recomendação*, concluiu o tio.

A alegria dele (tio) durou pouco, porque Cândido Mariano não aceitou a adoção, dizendo: “pai só tem um, o senhor é meu tio, a quem devoto muita estima e consideração”.

O sobrinho assentou praça e dispensou a carta de recomendação, uma vez que queria vencer com seu próprio valor.

Seu tio, Manoel Rodrigues da Silva, vivia às voltas com um homônimo, difamado pelos jornais pelo seu mau comportamento; assim sendo, resolveu acrescentar, ao seu nome, o apelido da sua mãe: Rondon; daí porque passou a assinar-se Manoel Rodrigues da Silva Rondon.

O estudante da Escola Militar, Cândido Mariano, não tinha livros porque não podia adquiri-los. Por isso, sua atenção nas aulas era de absoluta concentração, fazendo algumas anotações para, posteriormente, na Companhia, recompor as preleções didáticas referentes à Matemática.

Às 4h00 já estava em pé; tomava banho de bica ou banho de mar, tudo muito rápido, uma vez que, antes das 5h00, já estava envolto nos estudos, sob a luz de candeeiro, enquanto seus companheiros dormiam. Quando tocava “revista”, fechava a gaveta e descia emperdigado, como de costume.

Estudava com entusiasmo, esforçando-se para conseguir 10 em todas as sabatinas, a fim de conquistar o título de “alferes aluno”.

Como não se alimentava bem, passando a pão e feijão, baixava à enfermaria, freqüentemente, com perturbações gastrointestinais, no ano de 1885. Chegou a sentir-se tão mal, quando se dirigia à aula de Benjamin Constant, chegando a desmaiar, rolando escada abaixo. Quando recuperou os sentidos, estava na casa de um colega mato-grossense, Jorge Otaviano da Silva Pereira, avô - pelo lado paterno - de Otávio Otaviano da Silva Pereira, residente em Cuiabá-MT.

Sentia vontade de tomar banho de cachoeira, mas suas forças não lhe permitiam. Lembrava das suas proezas na Praia Vermelha, quando mergulhava até o fundo do mar, para apanhar peixes que se escondiam das bombas de pescaria. Como mergulhava muito bem, trazia à tona, peixes presos aos dentes, além dos que as mãos podiam segurar. Era divertido pelo entusiasmo dos colegas, apreciando aquela façanha, sentindo-se incapazes de tal atrevimento.

Agravava-se o estado de saúde de Cândido Mariano, a ponto de perder muito peso, reduzindo-se a “pele e osso”.

Seus colegas foram visitá-lo e, tal o seu péssimo estado de saúde, resolveram fazer subscrição para o enterro, rotina na Escola Militar, para os alunos pobres. Como em sua vida sempre houve imprevistos, chamou os amigos Jorge Otaviano e Fontoura, dizendo-lhes que apetecia comer abacaxi – o que fora interpretado como delírio aos olhos dos citados amigos.

Foram consultar o Dr. Brancante sobre o apetite do estudante e, aquele, dando de ombros, concordou para não contrariar o paciente, do qual nada mais se podia esperar... O abacaxi lhe fora apresentado, cortado em pedacinhos e o paciente o saboreou com prazer; em seguida, deitou e “sentiu paz de criança dormindo”. Acordou com novo ânimo e, percebendo sua melhora, pediu, então, que sua alimentação fosse abacaxi e uva. Quando o Dr. Brancante constatou sua recuperação, suspendeu os remédios e prescreveu alimentação à base de frutas.

Voltou a freqüentar as aulas e, na sua turma, dois alunos se destacavam com a nota “distinção grau 10”; o primeiro, Cândido Mariano da Silva e, o segundo, Aníbal Cardoso.

Em uma sabatina, fora apresentada uma questão simples, que podia ser resolvida por cálculo aritmético; o mimoseano preferiu solucionar a questão por equação diferencial, chegando ao mesmo resultado. Proclamada a classificação, o Cel. Amarante conferiu o 1º lugar, a Aníbal Cardoso e, o 2º, a Cândido Mariano da Silva, argumentando o seguinte: numa questão simples que podia ser resolvida por aritmética, Cândido Mariano escolheu cálculo diferencial e integral, mais complicado... Emocionado, o aluno que perdera o 1º lugar, ficou calado diante da injustiça e não conteve as lágrimas, ferido pela 2ª classificação.

Continuou estudando para conseguir seu objetivo, ou seja, “alferes aluno”, prêmio muito difícil de se obter, reservado aos alunos do 1º e 2º anos, que não tivessem nota inferior a “plenamente” em nenhuma matéria. Era condição rígida para o curso de engenharia militar.

Em 1886, Cândido Mariano era o 1º na lista para a promoção a “alferes aluno” e, como a promoção não saía, dirigiu um requerimento ao Co-

mandante da Escola, dizendo que não se conformava com essa indefinida providência. Foi chamado à presença do Comandante, que lhe explicou, com bondade, o quanto é importante a disciplina militar... Seu requerimento foi um ato de indisciplina, sujeita à prisão na fortaleza de Santa Cruz, mas, como o conhecia de perto, encerraria o episódio com advertência. Emperdigado, isto é, boa postura, ereto, firme, olhava o Comandante nos olhos e não conteve as lágrimas grossas e silenciosas.

Pouco tempo depois do seu requerimento, fora promovido a “alferes aluno”, em 04-07-1888, passando a receber o soldo de 50\$000 (cinquenta mil reis) mensais, que constituía uma fortuna para a época, principalmente para ele que costumava ser impassível ante a dor e a adversidade.

Quando já possuía os cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e quase o Estado Maior de 1ª classe, obteve o primeiro posto de oficial, como simples soldado aluno. Nesse mesmo tempo, concluiu o curso de Estado Maior de 1ª classe, tendo, como professor de astronomia, o major Oliveira.

Na Escola Superior de Guerra, Cândido Mariano terminou o estudo de matemática superior - cálculo das funções -, sendo aluno do professor Benjamin Constant.

O Governo criou a cadeira de alemão e o mimoseano se matriculou no curso, cujas aulas eram transmitidas pelo genro (alemão) de Benjamin Constant.

Desligado da Escola Superior de Guerra a 08-01-1890, 55 dias após a Proclamação da República, recebeu o título de Engenheiro militar e o diploma de “Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais”.

Depois de formado, requereu ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar Rondon ao seu nome, em homenagem ao tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon, que quisera ser seu pai. Depois de deferido seu requerimento, passou a assinar CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON.

Participou de dois movimentos cívicos: a Lei Áurea (libertação dos escravos) e a proclamação da República.

Pertenceu ao Apostolado Positivista do Brasil - com os ardorosos moços da Escola Militar -, orientado pelo seu amado Mestre, Tte. Cel. Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Em 23-12-1889, Cândido Mariano da Silva Rondon fora nomeado como Ajudante na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá a Araguaia - Estado de Mato Grosso -, chefiada pelo major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que necessitava de um ajudante mato-grossense, uma vez que, o titular, capitão Manoel Caetano de Faria Albuquerque - também de Mato Grosso -, candidatara-se a uma cadeira de deputado.

Gomes Carneiro ficou entusiasmado com a indicação de Cândido Mariano, mato-grossense, classificado em 1º lugar na Escola, o qual fora

desligado da Escola Superior de Guerra em 08-01-1890, com o título de engenheiro militar e o diploma de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais; ato contínuo foi promovido a 2º tenente de artilharia.

Nesse posto ficou somente três dias, havendo sido promovido a “1º Tte. do Estado Maior de 1ª classe, por relevantes serviços”. Essa promoção foi sugerida pelo engenheiro militar Serzedelo Correia que, em vibrante discurso, indicou-o ao posto imediato, a todos que tomaram parte no “15 de Novembro”; propôs, também, que, de tenente-coronel, fosse Benjamin Constant promovido a general e, Deodoro, a generalíssimo.

O trabalho de Cândido Mariano da Silva Rondon na Comissão Cuiabá-Araguaia, pode ser considerado uma epopéia – grande e heróico! Senão, vejamos:

Não deixava cair o ânimo dos seus subordinados e, como maior preocupação, adotava a seguinte ordem: “Antes de tudo o soldado; o chefe fica com as sobras”.

Como conhecia muito bem o sertão, tirava o possível da Natureza e, assim sendo, ordenou ao Sargento: “vamos fabricar açúcar; convoque homens suficientes para derrubar alguns buritizeiros, de cuja seiva faremos melado; o buriti é conhecido, também, como “árvore da vida”, porque nos fornece ótimo palmito, valorosa seiva, além de frutos”.

No tronco do buriti fizeram cortes triangulares, suficientes para extrair a seiva que jorrou com abundância, enchendo dois baldes; em seguida, fora levada ao fogo – em um tacho – para ferver, até se transformar em grosso melado que, provado, estava saborosíssimo! Com essa providência, podia-se adoçar o chá de douradinha (*maurícia vinífera*) dos componentes da Comissão.

Para melhorar o cardápio, Cândido Mariano, com sua infalível pontaria e como apaixonado caçador, acertava um jacu ou um mutum.

A comida estava escassa e teve dias que, no jantar, só tinham uns pedacinhos de carne-seca e uma marreca; a farinha se acabaria em dois dias; a salvação foi o caitetu – em número de dois –, que os cachorros mataram.

Saíram do Pantanal e atravessavam capões de uauaçu, quando deparam-se com uma vara de queixadas; conseguiram matar cinco e prepararam carne-seca e moqueada, com essa caça, espécie de porco do mato.

Freqüentemente, os membros da Comissão comiam cobras, macacos e até lobos, por falta de carne-seca com farinha ou de melhor caça. Só não comeram urubu, porque o chefe, Cândido Mariano, também não comeu aquela galinha preta, cujo fedor, ao cozinhar, era nauseante!

No sertão de Mato Grosso podiam contar com mel de “manduri”, da “tatá”, da “uruçu”, da “bojuí”, o qual pode ser considerado poema de perfume e sabor, de que não podem fazer idéia os que só conhecem o mel “apis melífica”.

A Comissão, portanto, contava com mel e palmito, abundantes, na alimentação dos seus membros; além disso, era circunstância acidental.

Nos lugares habitados, por onde a Comissão passava, seus componentes eram muito bem recebidos, por humildes sertanejos, como sempre acontece entre os mato-grossenses simples.

Cândido Mariano fora informado da captura de um soldado que deserdera e da fuga de dois outros. Resolveu pedir ajuda na aldeia de caça do **Chemejera** Oarine-Ecureu; atendeu-o, prontamente, pondo à disposição da Comissão, sete índios. Em Santa Luzia, Cândido Mariano assistia ao trabalho dos índios em chalanas... “Só eles teriam podido realizar tal façanha – o transporte de tão pesado material através do imenso pantanal -, mesmo porque só eles o conheciam a fundo”.

Quando Cândido Mariano se encontrava em Corumbá, recebeu carta do Frutuoso comunicando-lhe o falecimento do seu querido tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon; graças à sua bondade, pode seguir a carreira militar e organizar sua adorada família; suportou a dor e pode continuar a cumprir seu dever, com resignação e energia.

Num trabalho de levantamento de postes, dirigido pelo Alferes-aluno Francisco Bueno Horta Barbosa, este fora sacrificado quando, o devotamento no cumprimento do dever, levou-o à morte trágica. “Tendo-se dado, nas águas de uma baía próxima do Saram, o extravio de um dos postes que estavam sendo arrastados por meio de carretão, deixou ele algumas praças incumbidas de retirar o poste do fundo da baía e foi, pessoalmente, verificar quantas estacas estavam ainda sem poste.” Como até o escurecer ele, Francisco Bueno, não havia retornado, deixaram para o dia seguinte, as buscas na corixa do Saram, que estava completamente cheia. Avistaram, bem próximo, o luar – montaria do desventurado oficial -, pastando tranquilamente, tendo somente o cabresto, pois, os arreios estavam submersos. Finalmente, encontraram no fundo do Passo da Corixa Saram, o esqueleto do brilhante alferes-aluno Francisco Bueno Horta Barbosa, devorado pelas piranhas (pequenos e voracíssimos peixes), permanecendo as pernas, somente na parte protegida pelas botas; o esqueleto estava limpo!...

Cândido Mariano providenciou inquérito para apurar a causa do triste falecimento...; o pesar o invadia e não podia conter as lágrimas, aliás, todos os membros da comitiva ficaram consternados [...]; percebia-se lágrimas nos olhos de muitos daqueles homens, enrijados pela vida do sertão. Reconstituindo a tragédia, tendo à frente o próprio Cândido Mariano, era necessário transpor a Corixa do Saram, mesmo com o Pantanal cheio; o oficial encarregado da travessia, não sabia nadar, sendo substituído pelo Francisco Horta, que se ofereceu para trocar o serviço.

Os soldados seguiram na frente, na canoa, que levou, também, o soldado que não sabia nadar. Posteriormente, seguiu Francisco Horta e, no meio da corixa, foi atirado n'água pelo burro em que estava montado. O animal, certamente, fora atacado pelas temíveis piranhas e, quando há sangue, as piranhas se enfurecem, reunindo-se em cardume para não deixar nada escapar. O animal picado – com a mordedura da piranha –, corcoveou e correu para a margem, deixando, certamente, o alferes-aluno entregue aos ferozes peixes.

Cândido Mariano recomendou que se providenciasse uma placa de bronze, no local onde se supunha ter perecido o alferes-aluno.

Encerrou-se, tragicamente, a vida tão preciosa de Francisco Bueno Horta Barbosa – até fisicamente era um belo rapaz -, vítima de seu excessivo desvelo no cumprimento do dever e da sua admirável dedicação ao bem-comum...

Em Forte de Coimbra – à margem do rio Paraguai - encontrava-se instalado o 25º Batalhão, tendo, como cabo, o ex-Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas.

Nos trabalhos em Aquidauana, tremendos obstáculos foram enfrentados, criados por fortes chuvas, pelos pantanais e pela falta de carretas; difíceis condições foram encaradas... tendo, como exemplo, ser necessário – às vezes – 30 homens para fincar um poste, durante três horas! –, quando a produção era de 100 postes, média diária. Os trabalhos não foram suspensos nem na data de 02 de novembro, Dia dos Mortos.

Todas as datas cívicas não passavam despercebidas a Cândido Mariano; publicava ordem do dia, em comemoração, e providenciava habituais telegramas.

Numa noite infernal – pela quantidade de mosquitos, embora com mosquiteiro -, os animais de montaria passaram, à noite, em volta de suas redes e, um deles, veio se coçar na rede de Cândido Mariano, que se acordou, pensando tratar-se de onça. “A onça, dizem os vaqueiros, não ataca homem barbado, nem se atira à gente que dorme sob mosquiteiro, porque não sabe de que lado está a cabeça.”

O lema que norteou os trabalhos do grande sertanista, em relação aos nossos irmãos índios, era o seguinte: “Morrer se necessário for; matar nunca.”

No seu árduo trabalho, não se esqueceu de destacar sua mula Barétia, traquejada no sertão; tratava-se de mula crioula – com qualidade melhor que qualquer outra -, adquirida “na fazenda Arrozal, em Mimoso, do fazendeiro Prudente Gonçalves de Queiroz.”

Em 1907, quando Cândido Mariano da Silva Rondon tinha o posto de major do Corpo de Engenheiros Militares, foi nomeado chefe da Comissão

Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, incumbida de ligar Cuiabá-MT a Santo Antônio do Madeira-AM; posteriormente, rumo ao Acre, a primeira a alcançar a região amazônica. A partir de então, esse trabalho foi identificado como “Comissão Rondon”.

Paralelamente à implantação das linhas telegráficas – que abrangeu extenso território -, foram realizados valiosos estudos científicos, incluindo: flora, fauna, geografia e etnologia indígena.

“A Comissão Rondon construiu 2.270 km de Linhas Telegráficas e 28 Estações Telegráficas; realizou o levantamento de 50.000 km lineares de terras e de águas; determinou mais de 200 coordenadas geográficas; inscreveu na cartografia brasileira 12 rios até então desconhecidos e corrigiu informações sobre o curso de outros tantos” (3).

Comemora-se, neste exercício de 2007, o centenário dessa epopéia, cujos trabalhos - grandioso e heróico - foram realizados entre 1907 a 1915.

Ainda, na citada Comissão, Cândido Mariano empreendeu, em 1913, uma expedição com o ex-Presidente dos Estados Unidos, Theodoro Roosevelt, à região Amazônica (4). É desse estadista, a frase: “A América pode apresentar duas realizações ciclópicas: ao Norte, o Canal do Panamá; ao Sul, o trabalho de Rondon – científico, prático, humanitário.”

Lembramos que o Canal do Panamá liga os oceanos Atlântico e Pacífico.

O renomado mato-grossense, ao longo da sua vida, fez brilhante carreira Militar, sendo, finalmente promovido, em 1955, pelo Congresso Nacional, a Marechal do Exército Brasileiro, aos 90 anos.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 19-01-1958, aos 93 anos, sendo, seu corpo, velado no Clube Militar, com honras de chefe de estado.

Pelos 50 anos do seu passamento, foi providenciada missa na Catedral Metropolitana de Cuiabá-MT ao desbravador mato-grossense, conhecido internacionalmente. Em seguida, a Secretaria de Cultura – tendo à frente o Secretário João Carlos Vicente Ferreira, no Governo Blairo Maggi -, colocou cesta de flores no pedestal do seu busto, no Jardim Alencastro, e descerrou a placa, juntamente com o comandante do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado, Cel. Antônio Jorge Dantas de Oliveira, na qual constam os seguintes dizeres:



## MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

\*05-05-1865 +19-01-1958

*Nesta data, o Governo do Estado de Mato Grosso homenageia Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon pelos 50 anos de falecimento. Um dos maiores feitos dessa figura ilustre da história mato-grossense, foi a integração promovida pela Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, iniciada em março de 1907. Cuiabá, 19 de janeiro de 2008.*

Cândido Mariano, merecidamente, faz jus a todas as homenagens recebidas, tais como me lembro: nome de rua, aeroporto, estado de Rondônia, Unirondon etc, culminando com a de Patrono das Comunicações.

No centenário da Comissão Rondon, desejamos mostrar um pouco do seu gigantesco trabalho, a fim de que as novas gerações o conheçam e, ao ostentar celular, deverão lembrar que o caminho foi aberto por Cândido Mariano da Silva Rondon.

Tinha grande preocupação com os índios, sem nenhum amparo do Governo, tidos como bravos, perversos, cruéis; na verdade, são ferozes, somente, para se defender dos brancos, dizia Rondon.

Na data de 07-09-1910, Cândido Mariano inaugurava o Serviço de Proteção aos Índios, sendo seu primeiro Diretor.

Em 1939, quando pretendia encerrar seus serviços ativos à sua Pátria (o Brasil), foi designado para presidir o “Conselho Nacional de Proteção aos Índios” - de caráter honorífico -, com a finalidade de indicar normas de política indígena, capacitada a manter a unidade social da raça e determinar a felicidade do índio.

Pronunciou discurso enaltecendo a valiosa colaboração indígena nos trabalhos empreendidos de São Luiz de Cáceres a Santo Antonio do Rio Madeira, da bacia do Prata a do rio-mar, pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. “Essa travessia de cerca de dois mil quilômetros de penetração no Noroeste mato-grossense, fora executada através de tribos e nações de índios daqueles confins ocidentais da Pátria, ainda em estado de guerra”.

## CORRETIVOS EM NOME DA DISCIPLINA

Em junho de 1894, quando Cândido Mariano se preparava para levar sua família ao Rio de Janeiro, já com as bagagens a bordo, recebeu telefonema dizendo que os soldados da Comissão, em revolta, expulsaram os oficiais

e, no acampamento de Quebra-Pote, entregaram-se à desenfreada orgia, quase todos alcoolizados.

O tempo era limitadíssimo... como partir, deixando a Comissão em total indisciplina? O pensamento agiu rápido e não hesitou em transmitir a seguinte instrução:

— “Ordenança, o meu cavalo”, embora soubesse que não retornaria a tempo para viajar com a família, sendo a decisão acatada pela sua esposa.

Ao chegar em Quebra-Pote, desmontou-se num salto, e ordenou:

— “Corneteiro, tocar a reunir soldados acelerado. Repital! Repital!”.

Os soldados obedeceram ao toque – os lúcidos e os embriagados, instintivamente.

Nova ordem:

— “Corneteiro, gritou, tocar a reunir oficiais acelerado. Repital! Repital! Foram chegando esses últimos, saindo da mata onde haviam se refugiado.

Quando já estavam em forma, falou – aos soldados – sobre a gravidade da indisciplina, o que os tornava indignos da farda que vestiam.

Depois, dirigiu-se aos oficiais: “Um oficial não pode abandonar o seu posto – nele morre, se necessário for.”

Em seguida, destacou um pelotão para buscar varas no mato e, ato contínuo, com os soldados em forma, foram vergatados durante uma hora.

Retornou amargurado – após deixar cada qual no seu posto –, uma vez que lhe doía intensamente haver sido forçado àquela atitude, recorrendo ao processo do Conde Lipe. Passou a refletir sobre a remessa de homens indisciplinados para trabalhar na Comissão, estando na fase de “obediência forçada”; eram maus elementos, “entre eles os cem revoltosos da fortaleza de Santa Cruz.”

Outro episódio de indisciplina: resolveram eliminar Cândido Mariano, com o seguinte plano: na hora do pagamento, assassinar os oficiais e se apoderariam do cofre do contingente. Aconteceu que, vinte praças, rebelados contra a ordem estabelecida, acovardaram-se e fugiram à noite, sendo, a fuga, descoberta na chamada do dia seguinte.

Sucedeu que, o plano fora revelado – a Cândido Mariano – por um sargento que teve conhecimento do assunto, através de uma praça (soldado), antes de fugir.

Para manter o princípio da autoridade, Cândido Mariano autorizou a organização de dois contingentes, fortemente armados, instruídos a prender os fugitivos ou atirar, no caso de desobediência.

Tomaram o rumo da Bolívia e um dos pelotões reconduziu os fugitivos, que ficaram presos ao acampamento.

Cândido Mariano expôs, aos trãnsfugas, a gravidade do ato praticado e, pior que isso, o que haviam planejado; completou sua exposição dizendo

que, “a disciplina do sertão, tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia.”

Em seguida, resolveu desligar os menos culpados, ordenando seus recolhimentos ao batalhão; ato contínuo, mandou “que o cabeça ficasse em frente à sua barraca, as mãos amarradas ao pau da bandeira, a olhar para seu comandante, a meditar sobre a sinistra idéia de o querer assassinar. O soldado começou a chorar.” O castigo se prolongou por uma semana, sob o copioso choro em altos clamores.

Finalmente, chamou o comandante do contingente, ordenando que soltasse o soldado e o trouxesse à sua presença, em frente ao contingente formado. Depois de recordar seu mau feito, disse-lhe: você será perdoado, por duas razões:

- primeiro, porque foi levado pelo egoísmo;
- segundo, porque é um covarde, não assumindo as conseqüências do seu ato.

Declaro, então, que é indigno de usar a farda de soldado e, assim sendo, vou ordenar sua saída da Comissão, encaminhando-o ao batalhão. Será a oportunidade para provar que se regenerou.

### TERCEIRO ATO DE INDISCIPLINA:

De 81 praças, a Comissão estava reduzida a 30, dizimados pela malária e a polinevrite; registrou-se muitos óbitos e foi necessário separar os mais doentes, enviado-os para a guarnição de Cuiabá-MT; além disso, houve 17 deserções...

Nessa circunstância, Cândido Mariano pediu ajuda aos Bororos e foi prontamente atendido, da seguinte forma:

– O Pagé Báru apresentou-se com mais de 120 índios, incluindo homens, mulheres e crianças; depois, chegou o cacique Oarine Ecureu, com 150 índios, entre eles um índio ferido por haver travado luta com onça preta. Dentro da cultura indígena, “quem matar onça ou veado mateiro, morrerá dentro de pouco tempo e não de morte natural”; daí porque o índio ferido limitou-se a se defender.

Cândido Mariano mandou formar o contingente e os índios, explicando: “ficam os soldados proibidos de visitar os acampamentos indígenas, a não ser acompanhados e com autorização. Por outro lado, se a ordem for esquecida, deverão, os índios, agarrar quem a transgredir, trazendo o faltoso à minha presença.”

O serviço prosseguia normalmente, com a forte colaboração dos índios; entretanto, numa determinada noite, Cândido Mariano acordou com enorme alarido no acampamento, seguido pela tribo a falar e gesticular, trazendo o soldado faltoso, suspenso, acima das cabeças, para a presença do seu chefe.

Pelo adiantado da hora, deixou o assunto para o dia seguinte; então, pela manhã, com os índios reunidos – aguardavam a decisão do **pagmejera** (nome com que os silvícolas se referiam a Cândido Mariano) -, mandou amarrar o faltoso ao tronco, considerando que não se contava com cadeia; o cacique Oarine Ecureu aplaudiu o **pagmejera**, por aplicar o devido corretivo no descumprimento da sua ordem.

## QUARTO ATO DE INDISCIPLINA:

Lamentavelmente, o incidente se repetiu quando um soldado, pensando não ser notado, foi agarrado pelos índios e levado à presença de Cândido Mariano que, dessa vez foi mais enérgico, dirigindo-se ao contingente e aos índios formados:

— “Esta surra é a que os índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para sua dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem do seu próprio comandante.”

## VIVÊNCIA

Meu pai, Tarcílio Fernandes de Queiroz, era de Mimoso, localidade de nascimento de CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON. Lembrava a veneração dos mimoseanos ao conterrâneo ilustre, que não se esquecia do seu povo, e, nas suas viagens a Mato Grosso, visitava seu torrão natal.

Nessas ocasiões, o líder comunitário, Prudente Gonçalves de Queiroz, convocava os cavaleiros para, juntos, receberem o mimoseano.

Antônia Dias de Moura, também conterrânea de Rondon, contou-me que, Prudente – aquele que vendeu a mula “Barétia” a Cândido Mariano – coordenava a concentração que se realizava na casa de Antônio Dias, no Capão do Acori, beira de rio.

Prudente, montado, levava outro cavalo, devidamente aparelhado, destinado a Rondon que partia de Cuiabá, via Santo Antônio de Leverger, até alcançar a comitiva de cavaleiros mimoseanos; após o encontro, a citada comitiva seguia para o “rincão pastoril mais belo da terra de Antônio João do Brasil inteiro, quiçá do mundo!” – o MIMOSO, nos dizeres de Cândido Rondon.

Durante a espera, Dona Oacy (esposa do Prudente) providenciava a hospedagem com iguarias pantaneiras, não se esquecendo de uma bela rede lavrada, para descanso do hóspede, após o almoço.

No programa de vida de Cândido Mariano - “fazer a felicidade de meus irmãos do Mimoso” -, constava a fundação de uma escola. Não pode construí-la nos seus anos moços, por falta de recursos; entretanto, quando – como mediador – participou da Comissão Mista (Brasil-Peru-Bolívia), instalando-se em Letícia, teve, finalmente, meios para realizar seu intento

porque, como General em exercício de funções oficiais, no estrangeiro, seus vencimentos deveriam ser pagos em ouro, ou seja, vencimentos quadruplicados.

Com essa economia – recusando subvenção governamental que lhe fora oferecida –, deu início à obra, em 1947, aceitando do Governo, apenas, o diretor de obras de Cuiabá, engenheiro José Garcia Neto, posto à sua disposição para dirigir a construção. Entre os operários, destacava-se como mestre de obras, Maurino de Almeida Lima, marido de D. Olga Gonçalves de Queiroz Lima, que me transmitiu essa informação.

Comunicou o Governador de Mato Grosso – Arnaldo Estêvão de Figueiredo – que, sua visita ao Mimoso, não seria apenas sentimental, mas a concretização de um sonho; construir uma escola no local que sua mãe faleceu e que ele nasceu; iria lançar a pedra fundamental.

O Governador se ofereceu para acompanhá-lo, oportunidade que teria de conhecer Mimoso; também fez parte, o Ministro da Agricultura, o Dr. Fernando Costa e o Rev. Frei Leitz; a viagem fora realizada em 07-08-1947.

A uma légua de distância de Mimoso, foram recebidos por 70 cavaleiros, “formando guarda de honra ao carro governamental em que eu viajava.”

Era a primeira visita de um Governador do Estado de Mato Grosso àquele “Jardim da Natureza” – MIMOSO, que se engalanara, com seus habitantes em roupas de festa.

Naquele local – humilde rancho de palha onde nasceu em 1865 –, perfeitamente demarcado por uma pitombeira, depositou os restos mortais da sua mãe – identificado por um marco para assinalar o acontecimento –, os quais mandou exumar, da localidade de Morrinho, entre as baías Sea Mariana e Xacororé.

No dia seguinte, 08-08-1947, houve missa campal, em frente à capelinha da povoação; posteriormente, todos se encaminharam para o local da cerimônia, iniciada com a leitura da Ata. Em seguida, animada festa, com banda de música do 16º Batalhão de Caçadores – hoje, 44º Batalhão de Infantaria Motorizado - por ordem do Comandante da Região de Campo Grande e, para fechar a data, houve baile, iluminado a luz elétrica.

Um incidente deve ser revelado:

- Durante a missa campal, o alemão que a oficializava, Rev. Frei Leitz, em plena mocidade, sentiu-se mal por duas ou três vezes, em função do sol escaldante; o General octogenário levantava-se da platéia para acudi-lo e reanimá-lo, a fim de concluir o ofício...

Antes de completar ano, ou seja em 13-06-1948, a obra foi inaugurada, identificada como Escola Rural Santa Claudina – em homenagem à senhora sua mãe –, com a presença do Governador de

Mato Grosso, Dr. Arnaldo. Na ocasião, duas mocinhas mimoseanas fizeram entrega de flores:

- a Cândido Mariano, coube a Imenes Gonçalves de Queiroz, filha de Prudente;
- ao Governador de Mato Grosso, Dr. Arnaldo, ficou a cargo de Carlinda Dias de Moura, filha de Joaquim Dias de Moura.

Após as festividades, o General Rondon perguntou ao Dr. Arnaldo:

— Sabe montar, Governador?

Com a resposta positiva, pediu que mandasse arrear dois cavalos; ato seguinte, o mimoseano saiu galopando...; o Governador o acompanhou.

Diante do rio Mutum, o General tirou a roupa e se atirou n'água, nadando; o Governador – nascido em Rosário Oeste/MT – fez o mesmo, demonstrando igual resistência indígena do mimoseano, com 83 anos, na época.

Essa passagem contou-me Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro, filha do ex-Governador Arnaldo Estêvão de Figueiredo.

Cândido Mariano fez expediente ao Ministério de Agricultura, comunicando a fundação da Escola Rural Santa Claudina, em Mimoso, e, o ministro, Dr. Daniel de Carvalho, promoveu, de imediato, a fundação do Clube Agrícola General Rondon, anexo à Escola, para o qual Rondon providenciava folhetos e material, a fim de que os alunos aprendessem o amor à terra e seu cultivo. O primeiro presidente do referido Clube, foi o Tte. Euclides Correa da Silva, marido da D. Anita.

A Escola Rural Santa Claudina não pode permanecer com esse nome, porque, para matrícula, compareceram 150 alunos, necessitando de três professoras e uma Diretora; foi, então, que a Escola Rural tornou-se Escolas Reunidas.

Teve a Escola, como primeira Diretora, a Prof<sup>a</sup>. Ana Catharina de Figueiredo e Silva (D. Anita), esposa do Tte. Euclides. Muitas abnegadas professoras lecionaram em Mimoso; de memória, lembro-me das seguintes: Maria Dias de Moura, Benedita Calazans, Ursulina das Neves e Ana Jorgina da Costa Moraes.

Na administração do engenheiro Frederico Carlos Soares de Campos, então Governador de Mato Grosso, foi inaugurado o posto telefônico de Mimoso e, como primeiros interlocutores, o citado Governador com o Presidente da República, João Batista de Oliveira Figueiredo.

Na década de 40, precisamente de 1946 a 1948, como estudante do Curso Ginásial no Colégio Estadual de Mato Grosso – atualmente Escola Estadual do 1º e 2º Graus “Liceu Cuiabano, Dona Maria de Arruda Müller” –, cantávamos o dobrado “Mato Grosso”, ao som do piano executado pela professora Zulmira; o citado dobrado fala sobre Rondon, como filho ilustre, conforme revela a letra seguinte:

## MATO GROSSO - DOBRADO

Letra: Manoel Ramos Lino

Música: Zulmira Canavarros

I

Mato Grosso, oh! Lendário torrão  
Celeiro do Brasil por Deus guardado  
Onde a história é linda e gloriosa  
Berço e sepulcro do bravo Antonio João

II

O teu nome contém paz e fé  
E no teu solo fecundo pão viceja  
Os teus painéis despertam sensações mil  
Gema engastada no anel do meu Brasil

III

Bandeirante das selvas – Rondon!  
Força viva da raça feliz  
O teu nome enaltece este solo  
Grande solo que eleva o País

IV

Teu futuro o cruzeiro ilumina  
Abençoando o teu povo viril  
Se teus filhos te cobrem de glórias  
Nobre é orgulho que dás ao Brasil.

### FAMILIARES:

Seus pais: Cândido Mariano da Silva e Claudina Lucas Evangelista.

Descendência: três tribos indígenas, a saber:

- pelo lado paterno: “Guaná”.
- pelo lado materno: “Terena” e “Bororo”.

### ESPOSA:

Francisca Xavier da Silva Rondon

01-02-1892 – casamento realizado no Rio de Janeiro;

08-01-1903 – renovação do casamento, segundo ritual positivista, com apresentação dos seus três filhinhos: Heloísa Aracy, Bernardo Tito Benjamin e Clotilde Teresa; posteriormente, nasceram: Marina Sylvia, Beatriz Emília, Maria de Molina e Branca Luiza.

Cândido Mariano colocava, no mais elevado pedestal, sua esposa, a quem chamava, carinhosamente, “minha Chiquita”, qualificando-a como “encarnação do mais alto ideal de Mulher.”

Sem ela, seu trabalho não teria sucesso... Logo no início de suas vidas a dois, estabeleceram o lema: “Servir a Humanidade, servindo à Pátria e à Família.”

Certa vez, alguém da sua amizade, ousou criticar o então, Capitão Rondon, pelas suas longas ausências. Ela se ergueu em sua defesa, faces inflamadas, argumentando que tinha verdadeira admiração pelo seu Marido, a ponto de sentir-se orgulhosa por ele, “pelo devotamento a que se consagrava ao ideal de bem servir a Humanidade, servindo à Pátria e a Família.”

O lado materno da sua esposa era admirável! Estava sempre disposta a sofrer, para que não sofressem seus filhos. A propósito, Cândido Mariano queria que seu filho Benjamin cursasse uma escola livre; todos opinaram que fosse a Paris, menos ela, a Chiquita, que preferia o Rio de Janeiro; entretanto, como era gosto do marido, acabou concordando com ele, e resolveu partir com todos, para não deixar o seu querido filho Ben, exposto aos perigos do meio.

Pelo que li e escutei de antigos moradores de Mimoso, Cândido Mariano da Silva Rondon foi um misto de autoridade e ternura; entendia que o progresso nasce da ordem e, com seu sangue de índio, capacidade de resistência, inteligência e energia suficiente para realizar, foi o mato-grossense que ajudou a redesenhar os limites do Brasil.

Tive oportunidade de vê-lo de perto, quando se hospedava na casa do Sr. Odorico Tocantins, pai do professor Aecim Tocantins; na rua 13 de Junho, na altura da igreja presbiteriana, Odorico e Rondon sentavam-se à porta, à tarde, como era hábito de lazer dos cuiabanos.

Perguntei, certa vez, ao Dr. Sylvio Curvo, respeitado médico de Cuiabá e ex-Senador por Mato Grosso, pela legenda UDN-União Democrática Nacional:

— Este país ainda tem jeito para se consertar?

— Tem, sim, bastam 4 homens da fibra e do ideal de Rondon, nos quatro cantos do Brasil: Norte, Sul, Leste e Oeste.

E prosseguiu: essa violência sem freios e o desrespeito que se vê até com as autoridades constituídas, não teria vez na sua administração e se o subordinado – devidamente sabedor do seu método de trabalho – tentasse transgredir suas ordens, não ficaria na impunidade... Receberia o devido corretivo, que poderia parecer estranho para os tempos atuais, mas que funcionaria. Alguém tem que ser sacrificado, para servir de exemplo aos demais...

No fim da minha pesquisa, descobri que, por descendência, somos parentes do Rondon, pelo lado paterno. Na sua história de vida contada pelo próprio (5), ele cita como bisavós, pelo lado materno, José Lucas Evangelista, bandeirante, e Joaquina Gomes, de Jacobina, localidade do município de



Cáceres. Essa senhora, Joaquina Gomes, tinha um filho com o nome de João Gomes, pai de: Rita Gomes de Moura – Mãe de Antônia e Carlinda Dias de Moura; Antônio Fernandes de Queiroz – meu bisavô paterno.

## NOTAS

1. Antônio João Ribeiro era oficial do Exército, Comandante da Colônia Militar de Dourados, na Guerra do Paraguai. Intimidado, com seus 15 homens, a se render, preferiu morrer combatendo – aliás escrevera ele ao seu chefe, Tte. Cel. Dias da Silva: “Sei que morro, mas o meu sangue, e o de meus companheiros, servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria”.
2. Augusto João Manuel Leverger foi vice-almirante da Armada Nacional imperial, embora francês de nascimento, brasileiro pelo coração, defendeu Mato Grosso durante a guerra do Paraguai no município de Melgaço (a que pertencia Santo Antônio), baluarte avançado onde o Governo pretendia fazer a cobertura da cidade de Cuiabá, barrando a invasão paraguaia. Por esse e outros serviços, foi, mais tarde, agraciado pelo Imperador com o título, com grandeza, de Barão de Melgaço.  
Foi também grande sua obra de paz. Com tenacidade, dedicou-se a trabalhos de hidráulica, levantando rios e baías, localizando pantanais, traçando itinerários sobre as regiões pouco conhecidas, sempre determinando coordenadas geográficas, estudando documentos antigos - a ponto de se tornar o melhor geógrafo da região. São numerosíssimos seus trabalhos, inclusive uma carta de Mato Grosso, de 1862, de cujo original se serviu o Tte. Cel. Francisco Antônio Pimenta Bueno para a sua carta.  
A Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário da “Comissão Rondon”, contou com cinco historiadores, a saber: João Carlos Vicente Ferreira, Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa, Aníbal Alencastro, Paulo Pitaluga Costa e Silva e Ilto Severino da Silva, designados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
3. Centenário da Comissão Rondon (1907-2007) Texto de Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa/IHGMT.
4. Revista RDM, de 11-03-2007, sob n.º 163, ano VIII, matéria intitulada “Senhora Expedição”, de Raquel Teixeira, páginas 38 e 39.
5. Livro “RONDON conta sua vida”, por Esther de Viveiros – 1958 / Livraria São José, Rio de Janeiro.